

FEMINILIDADE e VIOLÊNCIA: UMA QUESTÃO ATUAL ¹

Maria Theresa da Costa Barros ²

Introdução

Em primeiro lugar, quero agradecer tanto ao *Espace Analytique* quanto ao **Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos** a oportunidade de estar participando deste Colóquio sobre “**Atualidade das Perversões**”, e, aproveitar para dizer que estou desenvolvendo, neste momento, uma pesquisa de pós-doutorado sobre as relações entre “**Juventude, Feminilidade e Violência**”, no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – sob a orientação do Psicanalista e Professor Joel Birman. ³

A problemática que orienta nossa pesquisa diz respeito ao mal-estar das juventudes brasileiras segregadas, que vivem nas grandes metrópoles do Brasil, particularmente na Cidade do Rio de Janeiro, e, as novas formas de subjetivação forjadas, senão a ferro e fogo, pelo menos poderíamos dizer, para lançar mão de metáforas mais apropriadas aos tempos da atualidade – forjadas, à fome e à violência e/ou ao lixo e aos ratos, ou seja, condições de existência, absolutamente, inaceitáveis.

¹ Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre **Atualidade das Perversões**, realizado em São Paulo, de 24 a 26 de agosto de 2007.

² Psicanalista, Doutora em Saúde Coletiva pelo **Instituto de Medicina Social da UERJ**, Membro do **Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos**, EBEP, Pós-Doutoranda pelo IMS/UERJ, realiza pesquisa ao nível de pós-doutorado, no Instituto de Medicina Social da UERJ, sob orientação do Psicanalista e Professor Joel Birman, sobre as “Relações entre Violência, Juventude e Feminilidade”.

³ Psicanalista; membro do **Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos** e do **Espace Analytique** (França); professor do **Instituto de Psicologia da UFRJ** e do **Instituto de Medicina Social da UERJ**.

Nosso intuito ao abordar esta problemática é por acreditarmos ser esse um caminho possível para dar uma contribuição aos debates em torno dessas questões e, assim, alimentar com informações os setores responsáveis pela formulação das políticas públicas, tanto nas áreas de Saúde quanto da Educação. É imperativo que se faça também, reformulações urgentes nas políticas de segurança pública urbana e social, no sentido de que possam ser transformados seus “efeitos perversos” na “gestão dos riscos de reprodução social”, pois as políticas atuais só têm produzido um crescimento em progressão geométrica, das desigualdades sociais nas grandes metrópoles brasileiras, especialmente no que tange à Cidade do Rio de Janeiro.

As novas formas de subjetivação, hoje representadas pelas juventudes moradoras das áreas de grande concentração de pobreza, as denominadas “favelas cariocas”, são resultado dessa política social urbana perversa como estratégia de gestão de riscos que, se acentuou desenfreadamente nos últimos vinte anos. Durante esse período, estes jovens conviveram, cotidianamente, com o que denominamos “**O mal-estar das juventudes brasileiras segregadas**”⁴ - título do trabalho que apresentei e debati por ocasião da **Sexta Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos**.⁵

Para abordagem desta problemática, tomamos como eixo os parâmetros traçados por Birman, em sua conferência “**Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade**”⁶, na qual afirma que, em “*conseqüência do*

⁴ **BARROS**, Maria Theresa da Costa “**O mal-estar das juventudes brasileiras segregadas**”. Tema apresentado na Sexta Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, na Mesa Redonda: Juventudes Segregadas, Maio de 2007.

⁵ Segregações - Sexta Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, em 24,25 e 26 de Maio de 2007.

⁶ **BIRMAN**, Joel “Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade” (Conferência realizada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em 2003) In **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 73.

neoliberalismo” e em virtude da *“fragilidade das instituições”* e do *“descaso das autoridades políticas”* em um *“país secularmente miserável”*, como é o caso do Brasil, *“permeado pelas desigualdades terrificantes do gozo”*, todas essas condições político e sociais, *“levaram à destruição completa, milhares de pessoas”*. Como aponta no título de sua conferência, Birman considera como imperativo uma contextualização histórica da teoria freudiana sobre o mal-estar na civilização. Ao articular as palavras, mal-estar e civilização, Freud não apenas teria implodido o sentido original da palavra civilização, **como evidenciou as dimensões política e social, enquanto eixos fundamentais para a devida compreensão da economia do dito mal-estar no registro das subjetividades.** Assim, a psicanálise, enquanto saber constituído no final do século XIX, foi uma tentativa de resposta e de solução para o mal-estar existente na modernidade, mal-estar esse, contextualizado historicamente, por Freud, em sua construção teórica.⁷

Para podermos considerar devidamente as **dimensões política e social, enquanto eixos fundamentais para a devida compreensão da economia do dito mal-estar no registro das subjetividades**, e como introdução ao nosso tema, vamos examinar inicialmente, o **conceito de vulnerabilidade**, no sentido de que nos fala Ribeiro. Em sua concepção, a vulnerabilidade é vista como:

“A situação de risco que veda ou bloqueia os segmentos mais fragilizados socialmente de adquirirem os recursos necessários à plena integração na sociedade que vem emergindo no Brasil desde os anos 1980, quando se inicia a crise do modelo de desenvolvimento caracterizado pela substituição das importações, ao mesmo tempo em que, emerge o modelo sócio-produtivo fundado

⁷ Idem, idem, p. 63.

nos parâmetros da revolução molecular digital e na flexibilização das relações de trabalho".⁸

Os aludidos recursos dizem respeito a tudo aquilo que toma a forma “*tangível e intangível*” e que dotam os indivíduos, famílias e grupos das condições materiais, sociais, éticas e, poderíamos acrescentar, subjetivas, desde a nossa perspectiva enquanto psicanalistas, necessárias e indispensáveis à integração social.

Tais recursos podem ser adquiridos a partir de três esferas da sociedade: o Mercado, o Estado e a Família/Comunidade, cuja combinação surgiu ao longo do desenvolvimento das relações capitalistas em regimes de bem-estar social. O papel destes regimes é, fundamentalmente assegurar a “**gestão coletiva dos riscos da reprodução social**”, em função da mercantilização do trabalho, pretendendo por meio dessas estratégias, forjar uma legitimidade das relações sociais capitalistas.⁹

Na história do capitalismo foram identificados, três regimes de risco, em decorrência da dimensão da matriz sócio-cultural, que prevalece em cada sociedade, esses regimes são:

- 1) A Gestão da Força de Trabalho
- 2) A Produção da Integração Social
- 3) A Construção da Igualdade Como Utopia Des-Mercantilizadora

Vamos examinar, brevemente, o segundo e o terceiro desses regimes de risco. No segundo tipo, “Produção da Integração Social” – denominados de

⁸ **RIBEIRO**, Luiz César de Queiroz (Coordenação) “**Identificação de Áreas Vulneráveis**”. Colaboraram na realização deste estudo Deborah Ribeiro de Carvalho (organização das informações); Paulo Renato Faria Azevedo (geoprocessamento, mapas, ilustrações); Ricardo Sierpe Vidal Silva (organização das informações). Texto Mimeografado, p. 2.

⁹ Idem, idem, p.3.

Corporativos, surgidos nos países da Europa – a crise do estado de bem-estar social se coloca como a impossibilidade de poder satisfazer as necessidades inerentes às promessas de integração social. A questão subjacente à crise deste regime de bem-estar social, arma-se em torno do seguinte dilema: *“Como devolver ao Estado sua capacidade de ser o agente integrador da sociedade?”*¹⁰

No terceiro tipo, “A Construção da Igualdade Como Utopia Des-Mercantilizadora” – constituem os regimes universais ou escandinavos, centrados na busca da igualdade como finalidade do estado de bem-estar social. Neste caso, a questão social que está sendo debatida é: *“Quais são os graus possíveis de manutenção da igualdade?”*¹¹

Portanto, o panorama que se configura nas sociedades capitalistas é, que os riscos são tão mais elevados, quanto mais plenamente forem mercantilizadas as forças de trabalho, *“tornando a reprodução social fundamentalmente dependente do mercado.”*¹² Ou seja, a tradução de tudo isso é, que nesta situação, a crise do emprego e a conseqüência em relação à renda do trabalho ou mesmo a sua instabilidade, ameaçam a sobrevivência física, social, ética e subjetiva dos indivíduos. Tais fatores conduziram a que em todas as sociedades capitalistas, tivessem sido criados **“sistemas não mercantis de gestão dos riscos”** – convivendo com o mercado – estivessem eles fundados em **“sistemas públicos de redistribuição”** ou nas **“relações de reciprocidade inerentes à organização familiar-comunitária”** – pois **isoladamente, os indivíduos não conseguem gerir as contingências sociais.**¹³

¹⁰ Idem, idem.

¹¹ Idem, idem.

¹² Idem, idem.

¹³ Idem idem.

A partir desses pressupostos e, tomando como referência as particularidades históricas do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, Ribeiro aponta que a problemática da vulnerabilidade presente nas grandes metrópoles brasileiras deve ser entendida como ***“decorrente da crise do regime de gestão de risco fundado no mercado e na mobilização das estruturas familiar-comunitárias.”***¹⁴

Tomando como pano de fundo essa análise sócio-histórica, em que nossa condição de **“capitalismo periférico”** nos conduziu a um processo inacabado de mercantilização das forças de trabalho – todas essas particularidades do capitalismo no Brasil, fez com que a reprodução da força de trabalho, nunca tenha se colocado como custo de acumulação do capital. Conseqüentemente, a reprodução social esteve, historicamente, fundada na combinação entre mercado/família e, um estreito estado de bem-estar social seletivo.

De fato e de direito, **foi transferido para as famílias (e para as comunidades) a gestão dos riscos da reprodução social.** Um dos pilares fundamentais deste regime foi a ***“prática de uma política social urbana perversa como estratégia de gestão de riscos”.***¹⁵

Em nosso estudo sobre **“O mal-estar das juventudes brasileiras segregadas”**, apontamos como um dos resultados deste tipo de prática de uma política social urbana perversa, o alto índice de homicídios de jovens na faixa entre 15 e 24 anos de vida, na Cidade do Rio de Janeiro¹⁶, em contraste com o alto índice de natalidade de crianças, nas áreas de grande concentração de

¹⁴ Idem, idem.

¹⁵ Idem, idem, p. 4.

¹⁶ **BARROS**, Maria Theresa da Costa **“O mal-estar das juventudes brasileiras segregadas”**. Tema apresentado na Sexta Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, na Mesa Redonda: Juventudes Segregadas, Maio de 2007, Texto Mimeografado, p. 4.

pobreza, ou áreas não-integradas que é, pelo menos o dobro, das áreas-integradas.

No contexto sócio-político atual, no qual vivem as Juventudes Segregadas em nosso município, ao analisar o quadro acima, levantamos a seguinte hipótese: os jovens entre 15 e 24 anos de vida, moradores de áreas não-integradas, que são pais e/ou mães, estão se opondo de forma ativa à violência que a sociedade contemporânea lhes impõe por meio das suas **políticas de segurança pública perversas e genocidas**. No entanto, interpretar essa diferença nos índices de natalidade entre áreas não-integradas e áreas-integradas, como formas de resistência, não significa desconhecer toda a complexidade envolvida nessa questão.

Entre 1981 e 1999, foi observado um aumento das unidades familiares, que **praticamente duplicaram de tamanho** – de quase 28 milhões para 46 milhões, sendo constatado um crescimento de 66,3%.

Porém, se observarmos a distribuição dos diferentes tipos de arranjos familiares, constatamos o seguinte: o arranjo tradicional e predominante das famílias mononucleares vem diminuindo sua participação relativa, em contrapartida vem ocorrendo um aumento dos arranjos de casais sem filhos, mas o dado que nos parece mais significativo para a problemática em questão é, **o aumento dos arranjos mono-parentais de mães sem cônjuges com filhos** – podendo incluir ou não a presença de outros parentes.¹⁷

¹⁷ Apud **HALSENBALG, C.** *A distribuição dos recursos familiares* In: **HALSENBALG, C. & VALLE SILVA et alii** (Orgs.). *Origens e Destinos. Desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro, Tobook/IUPERJ/FAPERJ, 2003, p. 63 In **RIBEIRO, Luiz César de Queiroz** (Coordenação) **“Identificação de Áreas Vulneráveis”**. Colaboraram na realização deste estudo Deborah Ribeiro de Carvalho (organização das informações); Paulo Renato Faria Azevedo (geoprocessamento, mapas, ilustrações); Ricardo Sierpe Vidal Silva (organização das informações). Texto Mimeografado, p. 8.

Como nos informa a bibliografia especializada ¹⁸, **o arranjo mono-parental é o mais fragilizado, e a família mono-parental com filhos é o arranjo que mais cresceu em termos proporcionais, sendo justamente o arranjo que apresenta maior déficit de capital social.** Um outro dado importante é, que em relação às famílias chefiadas por mulheres, este aumento não apresenta variações significativas entre os diferentes estratos de renda. Pelo contrário, o aumento da chefia feminina familiar incide mais, nos estratos superiores, desde que fiquemos circunscritos ao universo urbano.

Todas essas transformações de ponta cabeça das constelações familiares e suas possíveis repercussões sobre a socialização das crianças e dos jovens, não configura uma problemática nova, pode-se afirmar que vem ocorrendo há pelo menos um século, tendo sido enunciada pelo discurso psicanalítico, e, registrada contundentemente na década de trinta do século passado, como veremos a seguir.

1- Declínio da Imago do Pai e Lugar Sacrificial da Mulher

Em seu texto, *“Les Complexes Familiaux dans la Formation de l’individu”*, de 1938, Jacques Lacan relaciona o aparecimento da Psicanálise à crise psicológica representada pelo declínio da imago paterna ¹⁹. Para Lacan,

¹⁸ Apud **HALSENBALG**, C. & **VALLE SILVA** *et alii* (Orgs.). *Origens e Destinos. Desigualdades sociais ao longo da vida.* Rio de Janeiro, Tobook/IUPERJ/FAPERJ, 2003, p. 63 In **RIBEIRO**, Luiz César de Queiroz (Coordenação) **“Identificação de Áreas Vulneráveis”**. Colaboraram na realização deste estudo Deborah Ribeiro de Carvalho (organização das informações); Paulo Renato Faria Azevedo (geoprocessamento, mapas, ilustrações); Ricardo Sierpe Vidal Silva (organização das informações). Texto Mimeografado, p. 8.

¹⁹ **LACAN**, Jacques “A Família”. Tradução de Brigitte Cardoso e Cunha, Ana Paula Santos, Graça Lamas, Graça Lapa. Lisboa: Assírio & Alvim, Sociedade Editorial e Distribuidora, Ltda, 1978, p. 72.

esse declínio ficou registrado nas palavras dos ideólogos que no final do século XIX, dirigiram contra a família paternalista as críticas mais subversivas, mas nem por isso deixaram de portar as suas marcas mais indeléveis, na medida em que atribuíam um grande número de efeitos psicológicos ao declínio social da imago paterna.²⁰

Lacan reconhece nesse texto, que *“um simples acaso do gênio não explica sozinho que isto aconteça”*, logo em Viena, vista por ele como:

“Centro de um Estado que era o melting-pot das formas familiares mais diversas, desde as mais arcaicas até as mais evoluídas, dos últimos agrupamentos agnáticos dos camponeses eslavos às formas mais reduzidas do lar pequeno burguês e às formas mais decadentes da instabilidade da vida em comum, tudo isso passando pelos paternalismos feudais e mercantis.”²¹

Lacan considera então, surpreendente, que logo um filho do patriarcado judeu tenha imaginado o complexo de Édipo. Entretanto, como nos aponta Colette Soler, Freud construiu o recurso ao Édipo como uma resposta e uma solução, resta a nós descobrirmos de que pergunta e de qual problema.²² Uma das questões envolvidas na formulação do referido Complexo, certamente diz respeito às mulheres, pois como afirma Simone de Beauvoir:

“Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

²⁰ Idem, idem.

²¹ Idem, idem, p. 72-73.

Somente a mediação de um outrem pode constituir um indivíduo como Outro.”²³

Na perspectiva de Soler, contudo, o sexo depende de diferenciações que não são apenas subjetivas, mas biológicas, e que são tomadas como naturais: as dos organismos vivos sexuados. Acrescenta a autora: *“elas são visíveis, além disso nas diferenças anatômicas, antes que as ciências tragam à luz os determinantes genéticos, hormonais (...) que compõem o corpo sexuado”*. Entretanto, por outro lado, admite que os denominados seres humanos, por mais seres falantes que possam ser, não costumam se mostrar avessos a se reproduzir pelas vias da dita natureza. No entanto, nem por isso o caminho da explicação instintual encontra-se desobstruído para esse dado fundamental da experiência humana que é, a reprodução dos corpos.

Bem, todos nós que somos psicanalistas, sabemos – desde as primeiras formulações freudianas, que o inconsciente **“desconhece”** a biologia e, em matéria de vida, não abriga senão aquilo que Freud testemunhou em sua clínica e em sua elaboração teórica: o despedaçamento das denominadas pulsões parciais, oral, anal, escópica e invocante.²⁴ O que o criador da psicanálise nunca postulou, foi a presença daquilo que seria a pulsão genital, aquela que apontaria para cada um o que seria o parceiro sexuado. Somente esses achados teóricos, podem dar conta da pergunta, lançada por Freud em nota de pé de página,

²² **SOLER**, Colette **O que Lacan dizia das mulheres** Tradução Vera Ribeiro. Cosultoria Marcos Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 16.

²³ **BEAUVOIR**, S. **O Segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.

²⁴ **SOLER**, Colette **O que Lacan dizia das mulheres** Tradução Vera Ribeiro. Cosultoria Marcos Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 16.

acrescentada ao longo dos anos em seus, “Três ensaios da teoria da sexualidade”:

*“Se existem apenas pulsões parciais e se, além disso, em matéria de amor, de ‘relação de objeto’, a escolha narcísica do semelhante vem primeiro, como explicar a atração entre os sexos? Se o macho não basta para constituir o homem, nem a fêmea, a mulher, de que modo se instaura o que aparece como **norma heterossexual?**”*²⁵

Para Soler, esta pergunta pode ser formulada em termos lacanianos da seguinte forma: “como é que a linguagem que produz o sujeito como falta-a-ser, ao mesmo tempo o dispõe a consumir as finalidades da vida, apesar do efeito de descaracterização instintual que ela gera?”²⁶

No entender da autora, o Édipo freudiano vem responder justamente, a essa pergunta. Pois, na perspectiva freudiana, no inconsciente, e no discurso em geral, a diferença anatômica é transformada em significante e reduzida à problemática do ter fálico. Quanto às pulsões sexuais, propriamente ditas, essas ignoram a diferença sexual – o que se torna passível de explicação é, apenas a orientação do desejo sexuado – logo, numa perspectiva freudiana, homo e heterossexualidade encontram-se, nesse aspecto, em pé de igualdade.

Mas, afinal, a qual pergunta veio responder o Édipo freudiano? Para Soler, o Édipo freudiano responde a seguinte pergunta: “Como pode um homem amar sexualmente a uma mulher?” E, a resposta que Freud deu a esta pergunta foi bastante sucinta: não, sem antes, ter renunciado ao objeto primordial, a mãe, e ao gozo referido a ela. Ou dizendo de outra

²⁵ Idem, idem, p. 16.

forma: não, sem uma castração do gozo. Até aí, tudo se encaixava. Mas, ao tentar fazer uma transposição dessa explicação para o lado feminino, Freud encontrou um desafio, e ao final, foi obrigado a admitir o fracasso da sua tentativa. Seu famoso “**que quer a mulher?**”, não seria nada mais, nada menos, do que a admissão de um tal fracasso, o que também pode ser traduzido de forma sucinta: o Édipo produz o homem, mas não produz a mulher.²⁷

Deixemos, por enquanto em suspenso essa questão, sobre como se produz uma mulher, pois todos conhecemos a escandalosa frase de Lacan: “**A Mulher não existe**”, à qual Kristeva responde, argumentando que de fato, ela não existe como **A** detentora de uma plenitude mítica, potência suprema, sobre a qual se apóiam o terror do poder e o terrorismo, enquanto desejo de poder.²⁸ Mas, deixemos por enquanto essa questão, e vamos agora, debruçar-nos sobre as transformações da ordem familiar acarretada pela queda do pai, desde um outro ângulo de leitura. Uma das conseqüências da referida queda, como nos adverte Birman, é que ao deixar de ocupar o lugar central, torna-se imperativo uma partilha de poder com a mãe, nas palavras do autor:

“O patriarcado finalmente chega ao fim, após sua longa história no Ocidente, iniciada na tradição grega, e os gêneros sexuais passam a estabelecer relações mais igualitárias, em um processo que tende a romper

²⁶ Idem, idem, p. 16.

²⁷ SOLER, Colette **O que Lacan dizia das mulheres** Tradução Vera Ribeiro. Cosultoria Marcos Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 17.

²⁸ KRISTEVA, J. *As Novas Doenças da Alma* – Tradução de Joana Angélica D’Ávila Melo, Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 233.

com a **hierarquia** e **assimetria** entre as figuras do homem e da mulher, marca insofismável da tradição patriarcal.”²⁹

No entanto, a crença de que a mulher é inferior ao homem, e ocupa em relação a este uma posição subalterna, foi construída e sustentada no Ocidente, pelo menos até a década de sessenta do século XX, quando os movimentos feministas levantaram suas bandeiras contra essa forma de segregação das mulheres. Logo, foi este movimento que, ocupou o lugar de “operador político”³⁰, tanto ao subverter as relações entre os gêneros quanto a sustentar a paridade entre eles. Com isso, duas figuras emblemáticas do patriarcado, o pai e o marido, foram destituídas do posto que ocupavam hierarquicamente superior ao da mãe, esta sim, até então, símbolo da inferioridade hierárquica das mulheres. Não é por acaso que os marcos inaugurais da pós-modernidade tenham sido os movimentos questionadores de um **pater poder**, o movimento feminista e o movimento gay³¹, e junto com estes questionamentos as novas formas de subjetivação, os novos arranjos familiares e as novas formas de mal-estar.

Apesar de todas essas transformações, inauguradoras de uma pós-modernidade, no imaginário social a diferença e a divisão entre os sexos ainda tende a ser vista como algo da ordem natural que se inscreve na ordem social. E, o mais espantoso é, que essa “naturalização” prossiga e insista, tal fato constitui o que Bourdieu denomina, “paradoxo da dóxa.”³²

²⁹ **BIRMAN**, Joel Reviravoltas na Soberania In In **Soberanias** ARÁN, Márcia (Org.) Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 62.

³⁰ Idem, idem, p. 62.

³¹ **BIRMAN**, Joel Reviravoltas na Soberania In In **Soberanias** ARÁN, Márcia (Org.) Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 63.

³² **BOURDIEU**, P. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, Op.cit., p. 7.

O recurso ao esboço de uma genealogia é a ferramenta que possibilita evidenciar justo o contrário, que a diferença e divisão entre os sexos é uma construção, fruto de espaços históricos, sociais e culturais. Ao enfocarmos as relações entre os sexos no Ocidente, identificamos dois paradigmas diferentes. O primeiro, perdurou até o século XVIII, foi esboçado por Aristóteles e desenvolvido por Galeno – afirmava a existência de um único sexo. Nesse modelo não havia diferença anatômica entre os sexos, pois os órgãos presentes em cada um dos sexos eram correspondentes aos que existiam no outro. O que variava era a “exteriorização” da genitália masculina em contraposição à “interiorização” da genitália feminina, fato este atribuído à presença diminuída do humor quente no corpo feminino.³³

Mas, a essa diferença, em princípio, puramente espacial e posicional, foi atribuído um valor, da superioridade masculina perante a feminina. Portanto, o paradigma do sexo único não tinha nada de igualitário, muito pelo contrário, era eminentemente hierárquico, em suas relações com a perfeição e a verdade: a figura do homem marcada pela perfeição, enquanto a da mulher pela imperfeição.

Com o aparecimento do discurso iluminista, que teve seu ápice na Revolução Francesa e enunciava a igualdade de direitos, tornou-se imperativo articular a hierarquia existente entre os sexos, com o novo discurso da igualdade de direitos entre os cidadãos – a solução encontrada para este impasse foi a “naturalização” da diferença sexual. Com isso, ficava demonstrado que pela sua conformação anatomofisiológica, o corpo feminino destinava as mulheres à maternidade. Logo, parecia bastante

³³ **BIRMAN**, J. “Psicanálise e a tradição do patriarcado: o feminino e o sentido” In **Arquivos do**

lógico e natural, que apresentassem um menor desenvolvimento intelectual e uma imaturidade, perante a qual estava justificada sua subalternidade em relação aos homens.³⁴

Dessa forma, a leitura da diferença sexual e anatômica foi sempre fruto de um espaço político e social, o que nos possibilita afirmar, sem medo de errar, que sobre essa construção histórico-social no Ocidente, foram montados “**dispositivos da sexualidade**”, como nos ensina Foucault³⁵ - um conjunto de práticas e discursos para o exercício de uma violência simbólica implacável, sobre homens e mulheres, a partir daquilo que lhes é ao mesmo tempo o mais íntimo e o mais estranho ao seu ser.

Sim, porque se há uma armadilha que devemos evitar é tornar a mulher vítima ou mártir da violência masculina, ambos, homens e mulheres, se assim podemos falar, sofrem e reagem a esta violência simbólica, e esta é a grande novidade que foi enunciada ao final do discurso psicanalítico, pelo seu fundador, em “**Análise Terminável e Interminável**”, como “**desautorização da feminilidade**”, ou seja, **o reconhecimento da feminilidade como origem da sexualidade e da diferença sexual, tanto para os homens quanto para as mulheres**, nas palavras de Freud:

“Tanto nas análises terapêuticas quanto de caráter, é chamativo o fato de que dois temas se destaquem em particular e dêem guerra ao analista em medida desacostumada. (...) Os dois temas estão ligados a diferença entre os sexos; um é tão característico do homem como o outro é da mulher. Apesar da diversidade de seu conteúdo, são correspondentes manifestos. Algo que é comum

mal-estar e da resistência. Op. cit. , 2006, p. 304-305.

³⁴ BIRMAN, Joel **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Op. cit., 2006, pp. 307.

³⁵ Apud FOUCAULT, Michel. *La Volonté de Savoir. Histoire de la sexualité*. Vol. I. Paris, Gallimard, 1979. In BIRMAN, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 179.

*a ambos os sexos foi comprimido, em virtude da diferença entre os sexos, em uma outra forma de expressão. Esses dois temas em recíproca correspondência são, para a mulher, a inveja do pênis – o positivo querer-alcançar a posse de um genital masculino, e para o homem, a revolta contra sua atitude passiva ou feminina em relação a outro homem.”*³⁶

Pensar a feminilidade como a origem e o originário do sujeito, tanto para homens quanto para mulheres, como o território inaugural do erotismo é, realizar uma volta de 180 graus, em relação ao antigo paradigma do masculino como originário, que se encontra nas fundações do pensamento ocidental desde os gregos e o cristianismo até a modernidade. Com isso torna-se possível, não apenas, redimensionar e reconfigurar determinados valores que durante todo esse tempo obsecaram o imaginário ocidental, as noções de perfeição, completude e beleza³⁷, mas também, os valores hierárquicos atribuídos às diferenças anatômicas ou sexuais. Tomando como pano de fundo essa nova perspectiva, queremos pensar sobre as relações entre feminilidade e violência, uma questão atual, a qual torna-se imperativa, para cada um, homem ou mulher, independentemente de suas escolhas sexuais e amorosas: *“qual é o nosso lugar no contrato social, atualmente?”*³⁸

Do ponto de vista feminino, tal questão é tão mais imperativa, quanto mais desconfortável for o lugar destinado às mulheres na atual conjuntura, porque os anteriores, ao menos apresentavam a vantagem de serem mais conhecidos. Pois, se o **pater poder** foi abolido, ou está em vias

³⁶ FREUD, S. “Análisis terminable e interminable” (1937) In **Obras Completas**. Vol. XXIII; Amorrortu Editores, 1989, pp. 251-252.

³⁷ BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 243.

de ser, se a transformação da ordem familiar é um fato amplamente documentado e irreversível, se o “**Nome do Pai**” já não pode mais ser invocado impunemente, como sustentáculo ou pedra fundamental do arcabouço psíquico; bem, tudo isso afinal, coloca as mulheres numa nova posição, nessa passagem do século XX para o XXI. Se por um lado, menos confortável, por outro, tudo depende da resposta que cada mulher possa encontrar ao se perguntar: *“qual o nosso lugar no contrato social, atualmente?”*

Desde o ponto de vista masculino, nas palavras do próprio Freud, *“o enigma da feminilidade colocou pensativos os homens de todos os tempos”*³⁹, e se coube aos homens preocuparem-se com as questões que a feminilidade colocava em cada época, entre eles, Freud, certamente é um dos que não mediram esforços para desvendar um tal enigma. Mas, que respostas Freud teria encontrado para responder à questão sobre **“o que quer uma mulher.”** Entre muitas das formas pelas quais procurou responder a este enigma, uma pode ter sido sua crítica implacável sobre os “efeitos perversos” do discurso da modernidade sobre as novas formas de subjetivações, efeitos estes que ele testemunhava em sua clínica. Outra, foi ter criado um novo tipo de clínica, que pudesse “escutar” essas novas formas de subjetivações engendradas por esta mesma modernidade, como foi o caso das histéricas, mulheres cujos corpos não se submeteram tão docilmente ou silenciosamente aos ditames de sua época. E, finalmente, por ter se tornado o criador de um saber que não cabia em nenhum dos

³⁸ KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 226.

³⁹ FREUD, Sigmund 33^a. conferencia. La feminidad In **Obras Completas**. Vol. XXII; Amorrortu Editores; 1989, p. 105.

escaninhos então existentes: nem neurologia, nem psiquiatria, nem psicologia, um novo saber – a psicanálise, sendo Sigmund Freud seu único e legítimo criador, o que aliás, não é pouca coisa. Este mesmo Freud, que algumas militantes feministas viram como “o molesto falocrata de uma Viena pudibunda e decadente, que imagina as mulheres como – sub-homens, homens castrados.”⁴⁰

3- Castrados ou sujeitos à linguagem

Antes de ultrapassar esta visão que as feministas, não completamente sem razão, cultivaram de Freud, e chegarmos poder enunciar a nossa questão sobre, qual é o nosso lugar no contrato social, atualmente, ou, pensarmos sobre as relações entre feminilidade e violência em nossa conturbada pós-modernidade desses começos do século XXI, é preciso primeiro circunscrever o sentido da **noção de castração** que Freud nos legou, tanto para nós mulheres quanto para os homens, a todos nós que fomos constituídos dentro deste caldo de cultura ocidental judaico-cristã e, triturados nos dispositivos histórico-culturais sobre as diferenças entre os sexos.⁴¹

Mas o que Freud irá constatar em sua clínica psicanalítica, a respeito das formações imaginárias próprias do discurso dos neuróticos dos dois sexos? O fundador da psicanálise constata uma *angústia* ou um medo da castração e uma *inveja* raivosa do pênis. Mas afinal de contas, o que isso

⁴⁰ KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma – Tradução de Joana Angélica D’Ávila Melo, Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 225-233.

⁴¹ Idem, idem, p. 225.

tudo significa? Apenas que o discurso neurótico, do homem e da mulher, apresenta uma lógica, que só é possível de ser compreendida quando admitimos suas causas fundamentais: a fantasia de cena primitiva e de castração. Apesar de que, enquanto fantasias, não se tornem presente na realidade propriamente dita.

A metapsicologia freudiana permite fazer uma leitura da castração como uma *“construção imaginária que se apóia num mecanismo psíquico constituidor do campo simbólico e de todo ser que nele se inscreve”*.⁴² Nesse sentido, para que a linguagem possa advir, é necessário que se instale uma separação de um estado de prazer fusional, para que possa ser instaurada uma rede articulada de diferenças, referindo-se a objetos separados de um sujeito, e que isso possa constituir o sentido.

Para que esta operação constitutiva do simbólico e do social possa aparecer em sua verdade e possa ser entendida pelos dois sexos, é necessário que alguns aspectos sejam examinados. O primeiro, demonstrado pela escuta analítica é, que na fantasia, o pênis se torna a principal referência dessa operação de separação e dá, pleno sentido à falta ou ao desejo que é, constitutivo do sujeito quando este se inclui na ordem da linguagem. O segundo é, a necessidade de inscrever, nessa operação, toda a série de privações e de exclusões que acompanham a angústia de perder o pênis, e que impõem a perda da completude e da totalidade. A castração se configura então como o conjunto dos **“cortes”** indispensáveis ao advento simbólico.⁴³

⁴² KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 226.

⁴³ Idem, idem.

Como vimos anteriormente com Soler, sem passar pela castração um homem não poderá sentir-se atraído sexualmente por uma mulher, e ao passar pela castração, o que ocorre do lado da mulher? Sem pretendermos no âmbito deste trabalho circunscrever plenamente esta questão, tomaremos alguns aspectos deste problema, a partir da leitura realizada por Birman.⁴⁴ Em sua opinião, para o “*velho professor Freud, com todo respeito e reverência*” haveria três destinos possíveis, para as mulheres ao descobrirem sua condição de castradas ou de não-possuidoras do pênis/phallus:

- 1) A Neurose e a Inibição Sexual
- 2) A Virilidade Feminina
- 3) A Maternidade

Logo, o tornar-se mulher passava não apenas pelo reconhecimento de sua condição castrada, pela ausência do atributo fálico presente positivamente no homem, como também pela assunção da maternidade. Pois fora disso, o que restava à mulher era ou o destino trágico da inibição sexual, da neurose e/ou da perversão – pois maculada tanto pela anomalia quanto pela patologia de seus humores eróticos, alimentaria em si própria a pretensão secreta de ter o phallus e de ser como um homem.⁴⁵

Se o início do percurso freudiano foi marcado pela indagação sobre o enigma da mulher, pela mediação da figura da histeria, preocupação que continua presente nos escritos tardios sobre a sexualidade feminina produzidos entre, 1925 e 1932, ao final de sua pesquisa, a problemática que

⁴⁴ BIRMAN, Joel “SE EU TE AMO, CUIDE-SE. Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo dos anos 80” In **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, pp. 67-109.

⁴⁵ Idem, idem, p. 93.

se tornará o foco das preocupações de Freud ⁴⁶, é a problemática sobre a feminilidade.

Dessa forma, pode-se perceber um deslocamento progressivo no discurso freudiano de *“uma indagação crítica sobre o ser da mulher, pelos infortúnios da histeria, para um questionamento ostensivo sobre o ser da feminilidade”* ⁴⁷ - cuja marca registrada, seu *made in*, seria a inexistência do referencial fálico, fosse pela sua renúncia a este ou pela crítica ironia sobre a sua falácia. Uma tal leitura aponta para novas possibilidades de gozo e de erotismo, que marcaria tanto aos homens quanto às mulheres, mas paradoxalmente, por isso mesmo, a feminilidade seria uma fonte de horror, para ambos os sexos, pois colocaria os sujeitos diante do insondável do seu gozo e de seus impasses. ⁴⁸

4- Do sacrifício ao trágico

Para falar sobre as relações entre Feminilidade e Violência, na cultura ocidental, escolhem os escritos de Júlia Kristeva e Joel Birman, no intuito de percorrer caminhos possíveis para enunciar a questão que diz respeito às mulheres, atualmente, ainda que nem todas estejam conscientes das transformações que acompanharam seu despertar, e esta questão pode ser colocada através da seguinte pergunta: *“qual é o nosso lugar no contrato social, atualmente?”* ⁴⁹

⁴⁶ Idem, idem, p. 106.

⁴⁷ Idem, idem, p. 106.

⁴⁸ Idem, idem.

⁴⁹ KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 226.

Não podemos esquecer de que, há um século, os antropólogos e os sociólogos têm repetido à exaustão sobre a sociedade-sacrifício revelada pelos pensamentos selvagens, as guerras, os discursos de sonhos ou pelos grandes escritores. Tudo isso cria as condições para uma reelaboração da questão metafísica do *mal*, nas palavras de Kristeva:

*“Se a sociedade está de fato estabelecida sobre uma morte executada em comum, é assumindo a castração fundadora do contrato social e simbólico que os seres humanos procrastinam a morte. Eles (a) simbolizam e, conseguem assim se dar uma oportunidade de transformar o caos maléfico em ordem sócio-simbólica satisfatória”.*⁵⁰

Por isso se insistimos na questão sobre o lugar das mulheres neste contrato social, atualmente, é porque esse contrato, distante de ser aquele dos homens iguais, encontra-se *“fundado sobre uma relação, em última análise sacrificial, de separação e de articulação de diferenças, produzindo assim um sentido comunicável”.*⁵¹

Tendo como referência esses pressupostos, podemos enfim enunciar, junto com Kristeva, qual é a nossa questão: qual é o nosso lugar nessa ordem do sacrifício e/ou da linguagem? Por que se não queremos mais ser daí excluídas ou se não nos basta desempenhar a função que até então tivemos, de manter, acomodar, fazer durar esse contrato sócio-simbólico – enquanto mães, esposas, enfermeiras, médicas, professoras, psicólogas...e por que não, psicanalistas... De que forma seria possível

⁵⁰ KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 228.

⁵¹ Idem, Op. cit., 2002, p. 226-7.

“manifestar aí nosso lugar, legado pela tradição e que desejamos transformar?”⁵²

Como as mulheres se sentem dentro dessa estrutura psicossimbólica? Não é muito simples responder a esta pergunta, porque justamente neste relacionamento das mulheres com o simbólico, tal como se manifesta agora, nem sempre fica claro o que depende de uma conjuntura sócio-histórica (ideologia patriarcal, cristã, humanista, socialista etc.) ou de uma estrutura. Mas, o que se percebe é que **as mulheres se sentem como a mercadoria recusada da linguagem e do vínculo social.**

Não restam dúvidas de que só podemos falar de uma estrutura observada num contexto sócio-histórico, o da civilização cristã ocidental e de suas ramificações leigas. E, nesse contexto o que está ocorrendo com as mulheres? Bem, que as mulheres não encontram aí, os afetos nem as significações das relações que mantêm com a natureza, com seus corpos, com o da criança, o de outra mulher ou de um homem, parece ser fato. Porém, se tal frustração não é estranha nem a certos homens, que dirá então, às mulheres, e, não é nada casual que tenha se tornado o essencial da nova ideologia feminista.

Uma das conseqüências é, se parece difícil para as mulheres, se não mesmo impossível, poder aderir inteiramente a esta lógica sacrificial de separação e encadeamento sintático que fundamenta a linguagem e o código social – uma tal impossibilidade, termina desembocando numa espécie de beco sem saída – pela rejeição do simbólico, vivida como uma rejeição da função paterna, que gera as psicoses.

⁵² Idem, Op. cit., 2002, p. 227.

As mulheres, por sua vez, afirmam que, hoje, se submetem a esse contrato sacrificial, contra sua própria vontade. Com isso, só lhes resta se revoltarem ou pelo menos, buscar uma revolta, revolta que tem para elas, o sentido de uma ressurreição. Porém, para o conjunto social como um todo, essa revolta é uma recusa que pode conduzir à violência entre os sexos: ódio, assassinato, desintegração do casal, da família. Ou então, a uma inovação cultural. O mais provável, é que conduza a ambas as coisas ao mesmo tempo. Seja como for, a aposta foi lançada, e é desta época atual. Lutando contra o mal, reproduz-se o mal, dessa vez no seio do vínculo social (homem-mulher). E, o solo mais propício para isso se dá, quando:

*“Uma mulher é muito brutalmente repelida, quando sente seus afetos de mulher ou sua condição de ser social, ignorados por um discurso e um poder em exercício, de sua família às instituições sociais, pode por contra-investimento dessa violência sofrida, fazer-se agente ‘possuída’ da mesma violência: Ela combate sua frustração com armas que parecem desproporcionais, mas que não o são ante o sofrimento narcísico de onde se originam”.*⁵³

A ordem social é sacrificial, constata a antropologia, e por que não a psicanálise, também? Quando Freud constrói seu mito fundador da cultura moderna ocidental, a cultura se funda em um ato violento – o assassinato do pai da horda primitiva. Mas o sacrifício detém uma violência maior e acarreta uma ordem (prece ou paz social, a união dos mais fracos contra a lei do mais forte). Recusá-la significa expor-se à explosão da pretensa substância

⁵³ KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 231

boa, que se desencadeia, sem freio, sem lei nem direito, como uma arbitrariedade absoluta.

Consecutivas à crise do monoteísmo, as revoluções, de dois séculos para cá, e mais recentemente o facismo e o stalinismo, puseram tragicamente em cena essa lógica da boa vontade oprimida concluindo-se no massacre. Desde a alvorada do feminismo, e mesmo antes dele, mulheres fora do comum se manifestaram freqüentemente pelo homicídio, pelo complô, pelo atentado. A eterna dívida em relação à mãe torna uma mulher mais vulnerável na ordem simbólica, mais frágil quando a experimenta, mais virulenta quando quer se defender dela. Vejamos, até onde pode chegar “uma mulher” para fazer valer seu lugar num contrato social, mesmo que para isso só lhe tenha restado, lançar mão de um gesto trágico, o qual nos é relatado por Birman:

*“Há cerca de um ano e meio, uma jovem mulher, decepcionou o pênis do marido. Tudo isso se passou numa transação sexual, se é que podemos nos referir a isso com tal denominação. De qualquer forma, convencionalmente falando, tudo ocorreu subitamente, de forma inesperada, no fiat lux de uma experiência de tesão. O cenário do crime? A cena, supostamente trágica, desenrolou-se nos Estados Unidos, numa pequena cidade americana, numa noite gelada de um inverno rigoroso”.*⁵⁴

Como justificativa de seu ato de violência, perante a justiça e a opinião pública, esta mulher alegou uma reação de legítima defesa em face da regular violência do marido na experiência sexual. Segundo seus depoimentos, este tinha por hábito, desde o início desta suposta relação

amorosa, a realização de rituais de sadismo refinado sobre ela, rituais estes, que fariam corar de inveja ao próprio Sade⁵⁵, que segundo o comentário de Birman:

*“Sade não poderia imaginar, na virada do século XVIII para o século XIX, os herdeiros que iria forjar duzentos anos depois. Isso tudo apesar de seu conhecido libertinismo desvairado. Além disso, não poderia supor, menos ainda aliás, até onde poderiam chegar as peripécias insólitas do imaginário social contemporâneo”.*⁵⁶

E por que não, indaga o autor? E, a resposta que encontra para esta pergunta é que isso se deve ao fato insofismável de que existe uma distância abissal entre a **libertinagem** e a **perversão**. Para Foucault, Sade teria sido o último representante de uma época em que a libertinagem existia na polis⁵⁷, de fato e de direito, um personagem típico de uma galeria de seres desaparecidos para sempre. Enquanto figura de transição, Sade condensa na sua personagem tudo aquilo que historicamente lhe antecedeu e, anuncia ainda esquematicamente, tudo aquilo que irá se inscrever na futura cena erótica da história. Daí sua referência emblemática, o seu valor de insígnia entre a Idade Clássica e a Modernidade.

A libertinagem foi transformada em perversão de maneira inequívoca, sendo o campo da primeira, matéria prima para a produção da segunda. Contudo essa derivação não poderia se dar de forma direta nem imediata, pois se fazia necessário colocar primeiro em ação, um conjunto de

⁵⁴ **BIRMAN**, Joel “CASTRADOS DE TODO MUNDO, UNI-VOS! Sobre o erotismo e a violência sexual na atualidade” In **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 177.

⁵⁵ Idem, idem, p. 177.

⁵⁶ **BIRMAN**, Joel “CASTRADOS DE TODO MUNDO, UNI-VOS! Sobre o erotismo e a violência sexual na atualidade” In **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 179.

práticas e discursos denominados propriamente por Foucault “**dispositivos da sexualidade**”.⁵⁸ Tanto o sexo quanto o corpo foram apropriados pelos processos de *medicalização* e de *psiquiatrização* do sexual, processos esses disciplinares do sexo e do corpo.⁵⁹

O subproduto dessa operação estratégica de construção da modernidade foi a perversão, nada mais nada menos que o seu *resto*. Instituído esse processo diabólico de normalização do corpo e do sexo, a perversão passou a ocupar o lugar daquilo que, a todo custo, deveria ser evitado. Mas, paradoxalmente, como não podia deixar de ser, enquanto representação da negatividade do sexual por excelência, a perversão foi positivada como nunca pelo discurso científico da sexologia.

Tendo delineado esse cenário, Birman considera que isso é tudo que precisamos ter presente para poder avaliar o que há de macabro no cenário do corte do pênis anteriormente referido. A cena é permeada pela perversão e pela perversidade, pois estas são as marcas insofismáveis da sexualidade na modernidade. Mas, ele nos pergunta se não teria sido isso, justamente, o que Freud teria encontrado “*como fundo das neuroses, duzentos anos depois, quando abriu a caixa de Pandora das histéricas – ao permitir que elas falassem de seus desejos interditos para que ele pudesse escutar as dores lancinantes da carne insatisfeita no seu gozo?*”⁶⁰

⁵⁷ Apud **FOUCAULT**, Michel. Les mots et les choses. Paris, Gallimard, 1966 In **BIRMAN**, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 179.

⁵⁸ Apud **FOUCAULT**, Michel. La Volonté de Savoir. Histoire de la sexualité. Vol. I. Paris, Gallimard, 1979 In **BIRMAN**, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 179.

⁵⁹ Apud **FOUCAULT**, Michel. Surveiller et punir. Paris, Gallimard, 1979 In **BIRMAN**, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 179.

⁶⁰ Apud **FREUD**, Sigmund Trois essais sur la théorie de la sexualité (1905). Paris, Gallimard, 1962 In **BIRMAN**, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 180.

Do ponto de vista de Birman, neste momento de sua pesquisa, Freud teria realizado *“uma leitura naturalista do erotismo, indicando mesmo os seus impasses quase insuperáveis e o mal-estar do sujeito”*⁶¹, porém não deixou suficientemente claro seu reconhecimento de que se tratava de uma produção histórica da modernidade. No entender de Birman, ao enunciar uma nova modalidade dócil do corpo, que tinha sido meticulosamente tecida na modernidade, Freud o teria feito como um naturalista, não explicitando tratar-se de uma construção histórica. Sobre essa leitura, não nos cabe discutir nesse momento, mas queremos assinalar que se Freud deu à histeria o estatuto de ser fruto de um corpo pulsional, e não biológico, pensamos que esse é um ponto que pelo menos revela o toque de gênio, o que o próprio autor reconhece quando afirma: *“Isso não invalida a genialidade de seu gesto e a riqueza de seus enunciados (a neurose seria o negativo da perversão*⁶²*, no sentido fotográfico do termo)”*.

No entanto a possibilidade de inscrever o gesto trágico que a cena do corte do pênis do marido revela, passa no seu entender por circunscrever a singularidade do gesto colocado em cena. E, para isso, considera necessário que tracemos alguns dos cenários históricos, que tais como panos de fundo, possibilitem ao gesto ganhar todo o seu sentido singular.

Assim, sublinha Birman, existe uma grande diferença entre as damas antigas e aquelas da modernidade. Em sua opinião, as mulheres da modernidade podem ser consideradas como verdadeiros mutantes, se

⁶¹ Apud **FOUCAULT**, Michel. La Volonté de Savoir. Histoire de la sexualité. Vol. I. Paris, Gallimard, 1979. In BIRMAN, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 180.

⁶² Apud **FREUD**, Sigmund Trois essais sur la théorie de la sexualité (1905). Paris, Gallimard, 1962. In BIRMAN, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 180.

formos compará-las com as que viveram nos séculos XVII e XVIII, e explica-se: *“para isso está menos referido á linguagem biológica de Darwin, do que de sua apropriação pelo imaginário cinematográfico pós-moderno”*. Está se referindo ao discurso imagético de Ridley Scott, que, em *Blade Runner*, enunciou de forma profética a construção do sujeito na pós-modernidade, pelo brilhantismo de seu *insight*, condensado na polissemia evocante de suas imagens. Este cineasta teria formulado a perda de algo fundamental na substância humana nesse contexto cultural – caracterizado pela impossibilidade de amar e pela perda de laços inter-humanos marcados pela densidade afetiva. Seria o esmaecimento da substancialidade existencial que teria sido, assim, colocado em questão.⁶³

Mas, e sobre as mulheres da pós-modernidade, de que forma estas irão responder à pergunta freudiana sobre **“o que quer uma mulher ?”** Como escreverão e inscreverão seu lugar no contrato social, atualmente? Que outras conexões poderão contemplar o par feminilidade e violência, uma questão atual? Em, **“Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres”**, Clarice Lispector foi “uma mulher” que escreveu, entre todas as outras, uma possível resposta para estas perguntas:

“E o seu amor que agora era impossível – que era seco como a febre de quem não transpira era amor sem ópio nem morfina. E ‘eu te amo’ era uma farpa que não podia se tirar com uma pinça. Farpa incrustada na parte mais grossa da sola do pé”.⁶⁴

Nesses tempos da pós-modernidade, buscar responder à questão sobre, **“qual o nosso lugar no contrato social, atualmente”** questão que a nosso ver circunscreve as relações entre feminilidade e violência, na

⁶³ BIRMAN, Joel **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 183.

atualidade, pode ser uma forma de resistir, de se revoltar, de inovar ou transformar, a tradição que herdamos daqueles que nos antecederam, e que transmitiremos para aqueles que irão nos suceder.

Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2007

Maria Theresa da Costa Barros

⁶⁴ LISPECTOR, Clarice **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, pp. 22-23.